

# RELAÇÕES CULTURAIS E SINAIS RELIGIOSOS EM LIBRAS: ESTUDO DE METÁFORAS E DE METONÍMIAS

*Valeria Fernandes Nunes\**  
*Sandra Pereira Bernardo\*\**

## RESUMO

Relações culturais estão presentes na língua e podem ser compreendidas por processos metafóricos e metonímicos, que descrevem como o mundo é conceptualizado. Diante dessa relação entre língua e cultura, analisamos 14 sinais da Língua Brasileira de Sinais (Libras), relacionados à religião. Com base em um estudo qualitativo, os sinais foram coletados do programa “A Vida em Libras”, do Instituto Nacional de Educação – INES. À luz de pressupostos teóricos da Linguística Cognitiva, são tomadas como base as Teorias da Metáfora Conceptual, da Metonímia Conceptual (LAKOFF, JONHSON, 1980) e da Iconicidade Cognitiva (WILCOX, 2004; NUNES, 2014) para análise de sinais da Libras (BRITO, 2010 [1995]). Dentre os sinais religiosos selecionados para estudo, foram observados processos metafóricos e metonímicos na conceptualização proposta. Dessa forma, a análise desses processos linguístico-cognitivos é um caminho nos estudos linguísticos para compreender a produção de sinais em Libras.

**Palavras-chave:** Libras; metáfora; metonímia; religião.

## ABSTRACT

Cultural relations are present in the language and can be understood by metaphorical and metonymic processes, which describe how the world is conceptualized. Faced with this relationship between language and culture, we analyzed 14 signs of the Brazilian Sign Language (Libras) related to religion. Based on a qualitative study, the signs were collected from the “A vida em Libras” program of the National Institute of Deaf Education (INES). In the light of the theoretical assumptions of Cognitive Linguistics, the Theories of Conceptual Metaphor, Conceptual Metonymy (LAKOFF, JONHSON, 1980) and Cognitive Iconicity (WILCOX, 2004; NUNES, 2014) were taken as the basis for the analysis of signs of Libras. Among the religious signs selected, metaphorical and metonymic processes were observed in the proposed conceptualization. For instance, the sign Protestantism is metonymic, since there is a representation of part for the whole - A FOR B (BOOK / BIBLE FOR PROTESTANTISM), while RELIGION is metaphorical (RELIGION IS HEART). Thus, the analysis of these linguistic-cognitive processes is a way in the linguistic studies to understand the production of signs in Libras.

**Keywords:** Libras; metaphor; metonymy; religion.

---

\* Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Faculdade de Letras, Departamento de Letras-Libras, valerianunes@letras.ufrj.br.

\*\* Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Instituto de Letras, Departamento de Estudos da Linguagem, sanpbernardo@gmail.com.

## INTRODUÇÃO

A Língua Brasileira de Sinais – Libras tem sido estudada ao longo dos anos no Brasil pela comunidade científica. Diversas pesquisas observam questões linguísticas, literárias e culturais acerca da produção do Povo Surdo. Neste artigo, a relação entre cultura e língua é analisada em sinais religiosos, a fim de verificar como traços de uma determinada crença podem contribuir para a produção de sinais na Libras, língua de sinais em país com diversidade religiosa.

Esses sinais são sinalizados em uma modalidade visual e gestual, em uma codificação visoespacial que pode tirar proveito de oportunidades icônicas disponíveis. Na Libras, usa-se o espaço e suas dimensões na construção de mecanismos gramaticais para veicular significados, que são percebidos pelos seus usuários através das mesmas dimensões espaciais.

Daí o fato de muitas vezes apresentarem formas icônicas, ou seja, formas linguísticas que em seus recursos fonológicos visuais apontam para o significado por meio de características visuais. Para a construção do significado, é preciso também compreender a realidade cultural em que a língua é produzida. Diante disso, ao analisar as motivações histórico-culturais para a produção de sinais, podem-se identificar processos metafóricos e metonímicos, que contribuem para a compreensão da iconicidade cognitiva em sinais.

Este estudo, apoiado em pressupostos teóricos da Linguística Cognitiva, por meio de uma abordagem qualitativa, investiga metáforas e metonímias presentes em 14 sinais religiosos da Libras, extraídos do programa “A Vida em Libras”, do Instituto Nacional de Educação – INES, visando à compreensão de questões culturais associadas à produção de sinais religiosos. Nas próximas seções, são resumidos os conceitos de metáfora conceptual, metonímia conceptual e iconicidade cognitiva, os quais fundamentam a análise proposta, a fim de promover uma reflexão metalinguística a respeito da Libras, identificando como recursos culturais podem ser motivadores para a criação de sinais. Após as seções de cunho teórico, passamos à seção de análise e às considerações finais.

## 1 LINGÜÍSTICA COGNITIVA

Os linguistas cognitivos enfatizam em suas pesquisas a sistematicidade exibida pela linguagem diretamente relacionada à mente. Investigam como a mente exhibe uma organização e uma estruturação conceptual. Em seus estudos, descrevem a linguagem, formulando hipóteses sobre como é representada na mente. Dessa forma, para a Linguística Cognitiva, o significado é resultado de uma construção mental que passa por constantes mecanismos de “categorização e recategorização do mundo, a partir da interação de estruturas cognitivas e modelos compartilhados de crenças socioculturais” (FERRARI, 2011, p. 15).

Consoante Chiavegatto (2009), a Linguística Cognitiva apresenta as seguintes premissas referentes ao significado: o significado é guiado pelas formas linguísticas; o significado é uma construção mental que expressa a interligação entre conhecimento e linguagem; e o significado é validado no contexto comunicativo. Com base nessas premissas, a gramática não pode ser mais considerada um conjunto de regras que age sobre categorias de palavras ou de sentenças, mas sim um conjunto de princípios gerais e processuais, que opera sobre bases de conhecimentos.

A fim de exemplificar, “considere um pedaço de p $\hat{e}$ ra. Diferentes partes do c $\acute{e}$ rebro percebem a sua forma, cor, textura, sabor, cheiro e assim por diante” (EVANS; GREEN 2006, p. 7). Essas percepções, registradas por nosso c $\acute{e}$ rebro, s $\tilde{a}$ o derivadas de uma integraç $\tilde{a}$ o com o mundo por meio de imagens mentais que nos possibilitam compreender o conceito de P $\hat{E}$ RA. O conceito  $\acute{e}$  gerado por essa representaç $\tilde{a}$ o mental da realidade constru $\acute{i}$ da atrav $\acute{e}$ s de nossa percepç $\tilde{a}$ o, proporcionado a conceptualizaç $\tilde{a}$ o. Dessa forma, a linguagem promove “gatilhos”, *prompts*, para a construç $\tilde{a}$ o da conceptualizaç $\tilde{a}$ o, que tamb $\acute{e}$ m podem ser acessados por meio de processos metaf $\acute{o}$ ricos e/ou meton $\acute{i}$ micos.

## 2 MET $\acute{A}$ FORA E METON $\acute{I}$ MIA

A met $\acute{a}$ fora integra o sistema conceptual humano, pr $\acute{o}$ prio do pensamento, capaz de realizar comparaç $\tilde{a}$ o entre dois dom $\acute{i}$ nios<sup>1</sup>, permitindo ao emissor e receptor “conceber e exprimir ideias abstratas (...) a partir de sua experi $\acute{e}$ ncia com entidades ou situaç $\tilde{a}$ o ontologicamente mais b $\acute{a}$ sicas” (ALMEIDA et. al., 2009, p. 35).

K $\acute{o}$ vecses (2006) descreve que a met $\acute{a}$ fora  $\acute{e}$  um fen $\acute{o}$ meno lingu $\acute{i}$ stico, conceptual, sociocultural, neural e corporificado ao mesmo tempo, envolvendo dois dom $\acute{i}$ nios de experi $\acute{e}$ ncia que est $\tilde{a}$ o conectados sistematicamente. Esses dois dom $\acute{i}$ nios prov $\acute{e}$ m de diferentes partes do sistema conceptual (do c $\acute{e}$ rebro), cuja conex $\tilde{a}$ o  $\acute{e}$  poss $\acute{i}$ vel porque mostram alguma similaridade gen $\acute{e}$ tica estrutural, ou porque s $\tilde{a}$ o correlacionados por nossa experi $\acute{e}$ ncia, relacionada  $\grave{a}$  mente humana corporificada.

Conceitos abstratos s $\tilde{a}$ o comumente metaf $\acute{o}$ ricos, pois noç $\tilde{a}$ o abstratas s $\tilde{a}$ o compreendidas a partir de conceitos concretos. Esse caminho entre dois dom $\acute{i}$ nios  $\acute{e}$  a met $\acute{a}$ fora conceptual, sendo concebida pelo esquema A  $\acute{e}$  B, ou seja, um dom $\acute{i}$ nio fonte/origem  $\acute{e}$  projetado em um dom $\acute{i}$ nio alvo.

J $\acute{a}$  a meton $\acute{i}$ mia  $\acute{e}$  um fen $\acute{o}$ meno conceptual em que “X substitui Y” (LAKOFF; JOHNSON, 1980). Essa substituiç $\tilde{a}$ o  $\acute{e}$  poss $\acute{i}$ vel, porque existe uma estreita relaç $\tilde{a}$ o entre duas entidades pertencentes ao mesmo dom $\acute{i}$ nio. Assim, a meton $\acute{i}$ mia porta uma funç $\tilde{a}$ o principalmente referencial, porque  $\acute{e}$  poss $\acute{i}$ vel utilizar uma entidade por outra. Entretanto, n $\tilde{a}$ o  $\acute{e}$  apenas um dispositivo referencial, mas tamb $\acute{e}$ m apresenta a funç $\tilde{a}$ o de proporcionar o entendimento.

Lakoff e Johnson (1980), para exemplificar, esclarecem que, na meton $\acute{i}$ mia PARTE PELO TODO, representada pela f $\acute{o}$ rmla “B por A”, onde “B”  $\acute{e}$  o ve $\acute{i}$ culo e “A”  $\acute{e}$  o alvo (figura 2), h $\grave{a}$  muitas partes que podem substituir o todo; entretanto, nota-se a escolha de uma parte espec $\acute{i}$ fica para acessar o todo sobre o qual se deseja referir. Ao se afirmar a necessidade de algumas *boas cabeças no projeto*, a express $\tilde{a}$ o “boas cabeças” remete a “pessoas inteligentes”. Diante disso, a quest $\tilde{a}$ o n $\tilde{a}$ o  $\acute{e}$  apenas usar uma parte (cabeça) para representar um todo (pessoa), mas sim selecionar uma caracter $\acute{i}$ stica particular da pessoa, ou seja, a intelig $\acute{e}$ ncia, que  $\acute{e}$  associada com a cabeça.

1 Langacker (2008) prop $\tilde{o}$ e a noç $\tilde{a}$ o de ‘dom $\acute{i}$ nio’ para se referir a estruturas armazenadas na mem $\acute{o}$ ria. Langacker destaca ESPAÇO, VIS $\tilde{A}$ O, TEMPERATURA, PALADAR, PRESS $\tilde{A}$ O, DOR e COR como dom $\acute{i}$ nios mais b $\acute{a}$ sicos com estreita relaç $\tilde{a}$ o com a experi $\acute{e}$ ncia corporal.

Metonímia conceptual é um mapeamento em um só domínio entre o conceito veículo e conceito alvo que possibilita o acesso mental de uma entidade por outra entidade. Os conceitos metonímicos conceptualizados são baseados na experiência, envolvendo associações físicas ou causais.

Dessa forma, podemos delinear algumas fronteiras entre metáforas e metonímias. Para Geeraerts (2006), se metáfora é vista como um mapeamento a partir de um domínio para o outro, a metonímia pode ser vista como um mapeamento de um único domínio. Em outras palavras, a metáfora trabalha com uma projeção entre dois domínios, enquanto a metonímia estabelece relações no interior de um único domínio. Outra distinção é o fato de as projeções metafóricas possibilitarem o entendimento de conceitos abstratos cuja compreensão não é possível diretamente, ao passo que as projeções metonímicas estão ligadas à direção da atenção em que um conceito mais destacado apresenta o trajeto mental para um menos destacado.

### **3 LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS – LIBRAS**

Diversos estudos sobre línguas de sinais têm sido realizados seguindo diferentes correntes linguísticas. Muitas pesquisas apresentam a visão segmentada da língua, propondo estudos específicos de fonética, fonologia, morfologia, sintaxe e semântica que contribuem para uma visão estrutural da gramática com uma perspectiva modular da mente humana.

Essas obras têm possibilitado a compreensão do funcionamento dessas línguas que usam um canal visoespacial. Entretanto, por se basear em propostas da Linguística Cognitiva, que não descrevem a língua por meio da modularidade da mente, esta pesquisa, durante a análise dos dados, propõe um olhar diferenciado sobre fenômenos linguísticos em sinais da Libras, produzidos por meio de processos cognitivos – metáforas e metonímias.

A Libras é parte do artefato cultural do povo surdo que revela traços históricos, culturais e a forma como o surdo descreve o mundo ao seu redor. As línguas de sinais, assim como as línguas orais, possuem uma estrutura que permite a expressão de qualquer conceito, seja concreto ou abstrato, o que distingue essas línguas são seus canais de comunicação. A língua oral utiliza o meio oral e auditivo e as línguas de sinais usam o canal visoespacial.

Assim como palavras de línguas orais são produzidas por sons, os sinais em línguas espaciais são constituídos por movimentos da(s) mão(s). Ao contrário dos sons, os movimentos da(s) mão(s) são objetos visíveis no e sobre o mundo.

Um idioma executado em uma codificação visoespacial pode tirar proveito de oportunidades icônicas acionadas que são indisponíveis nas línguas faladas. Em outras palavras, as línguas de sinais são articuladas espacialmente e são percebidas visualmente, usam o espaço e as dimensões para constituir seus mecanismos “fonológicos”, morfológicos, sintáticos e semânticos para veicular significados, percebidos pelos seus usuários através das mesmas dimensões espaciais. Daí o fato de, muitas vezes, apresentarem formas icônicas, ou seja, formas linguísticas que tentam copiar o referente real em suas características visuais. Segundo Brito (2010 [1995]), a iconicidade é mais evidente nas estruturas das línguas de sinais do que nas orais, devido ao fato de o espaço parecer ser mais concreto e palpável.

A iconicidade cognitiva é fundamentada no modelo teórico da gramática cognitiva de Langacker (WILCOX, 2004). O léxico e a gramática são totalmente descritíveis como conjunto de estruturas simbólicas, ou seja, polo semântico e polo fonológico. Segundo Langacker (2008), uma estrutura simbólica ( $\Sigma$ ) pode ser bipolar, pois ela possui um polo semântico (S) e um polo fonológico (P). Logo, a estrutura simbólica BOLA pode ser representada da seguinte forma: [[BOLA]/[bola]].

É comum nas línguas que os polos semântico e fonológico de uma estrutura simbólica estejam em regiões distantes do espaço conceitual. A palavra falada para o som de *bola*, por exemplo, tem pouco em comum com o significado de *bola*. Essa grande distância no espaço conceitual, resultante da distância entre os polos semântico e fonológico, é a base da *arbitrariedade do signo*. Entretanto, quando os polos fonológico e semântico de sinais residem na mesma região do espaço conceitual, a arbitrariedade é reduzida, como acontece com o sinal BOLA em Libras. Segundo Nunes (2014), isso é perceptível nos sinais *icônicos*, pois o todo do polo semântico é sinalizado, como no sinal BOLA.

#### 4 ANÁLISE DE SINAIS RELIGIOSOS EM LIBRAS

À luz da Gramática Cognitiva, os sinais analisados a seguir são sinais que pertencem à categoria nome e são produzidos por meio de processos metafóricos ou metonímicos, que contribuem para a compreensão da iconicidade cognitiva em sinais da Libras. Esses processos funcionam como gatilhos, que acessam o domínio de uma religião específica, sejam por meio da sinalização de um ritual ou de um adorno religioso, pela sinalização de parte da palavra em Língua Portuguesa – empréstimo linguístico ou pela sinalização do país de origem de uma determinada crença.

Em relação à fonte das imagens dos sinais analisados neste artigo, os sinais foram sinalizados por Valeria Fernandes Nunes a partir de consulta ao episódio ‘Religião’ do programa “A vida em Libras” da TV INES<sup>2</sup>. A respeito dos processos metafóricos, destacam-se os sinais DEUS, RELIGIÃO e ESPIRITISMO.

O sinal DEUS é um sinal simples – dotado de apenas um radical. O sinal é produzido pela Configuração de Mão no formato da letra ‘d’, com Orientação para cima, com Ponto Central de Articulação<sup>3</sup> em espaço neutro na altura superior à cabeça e sem Movimento (figura 1).

**Figura 1** – Sinal DEUS



2      Dentre os sinais investigados, o sinal ATEU foi apresentado como sinal soletrado, isto é, usaram-se letras do alfabeto manual.

3      Ponto Central de Articulação é entendido como local específico de significação para a produção do sinal. Esses pontos centrais de articulação são carregados de significados produzidos a partir do *construal* que cada cultura desenvolve por meio das experiências corporais humanas com o ambiente (NUNES, 2018).

O sinal DEUS apresenta a metáfora DEUS É PARA CIMA. A ação de apontar para cima está atrelada à metáfora conceptual BOM É PARA CIMA, que se apoia na conceptualização do ser divino estar associado a algo bom. O uso da Configuração de Mão da letra “d”, em perspectiva sincrônica, configura-se como empréstimo linguístico da palavra ‘Deus’ em Língua Portuguesa. Em uma perspectiva diacrônica, esse sinal, motivado pela Língua de Sinais Francesa – LSF<sup>4</sup>, também tem a ação de apontar para cima, com a letra “d”, relacionado-se à palavra “Dieu” da Língua Francesa. Assim, o empréstimo linguístico é realizado por um processo metonímico de PARTE PELO TODO, em que a letra ‘d’ substitui todo a palavra e conceito relacionado a ‘Deus’/ ‘Dieu’.

O sinal RELIGIÃO é um sinal simples, produzido pela Configuração de Mão no formato da letra “R”, no Ponto Central de Articulação no peito, com Movimento do peito para um espaço neutro, com Orientação para frente do corpo (figura 2).

**Figura 2** – Sinal RELIGIÃO



Nesse sinal, encontra-se a metáfora RELIGIÃO É CORAÇÃO. A ação de sinalizar próximo ao peito remete à ideia da religião estar no coração. Assim, a religião é compreendida na ação de confiar em uma crença com sentimentos/ fé (coração), não com a razão (cérebro).

O fato de o sinal ser produzido na localização do peito para um espaço neutro revela a produção de um esquema imagético DENTRO-FORA, em que o corpo é representado como um CONTÊINER. Dessa forma, por um processo metafórico, a RELIGIÃO É DE DENTRO PARA FORA, sendo uma crença produzida do interior para o exterior.

ESPIRITISMO é um sinal composto, formado pelos sinais ALMA e ESPÍRITO (figura 3). O primeiro sinal, com Configuração de Mão, Movimento e Orientação semelhantes ao sinal ABSTRATO aponta para a metáfora ALMA É ABSTRATO. Nessa metáfora, compreende-se que a ‘alma’ não é algo concreto.

4 A Língua de Sinais Francesa – LSF influenciou a produção de diversos sinais da Língua Brasileira de Sinais devido à criação da primeira escola de surdos no Brasil. Em 1857, foi criado, no Rio de Janeiro, Brasil, o Imperial Instituto dos Surdos-Mudos, por meio dos esforços de E. Huet, professor surdo francês.

**Figura 3 – Sinal ESPÍRITISMO**

O sinal ESPÍRITO , sinalizado em cima da cabeça, com movimento de fora para dentro, também aponta para o esquema imagético DENTRO-FORA, em que o corpo é representado como um CONTÊINER cujo espírito, de forma metafórica, parte do exterior para dentro do corpo. Essa relação de DENTRO-FORA pode estar associado à crença dessa religião de compreender a volta do espírito à matéria.

Em CRISTIANISMO, a sinalização é formada pela Configuração de Mão letra ‘c’ na mão direita e o sinal SEGUIR na mão esquerda, que é geralmente produzido por duas mãos. Por um processo metonímico, PARTE PELO TODO, a letra ‘C’ da palavra Cristianismo, oriunda da palavra Cristo, é sinalizada por meio de empréstimo linguístico.

**Figura 4 – Sinal CRISTIANISMO**

Observa-se também na produção desse sinal a seguinte metáfora: CRISTIANISMO É SEGUIR CRISTO. A alusão a Jesus Cristo também está presente no sinal CATOLICISMO. Mais uma vez ocorre o empréstimo linguístico por meio da produção da letra “c” (figura 5).

**Figura 5 – Sinal CATOLICISMO**

Em CATOLICISMO, ocorre o Movimento das mãos com Orientação para cima, para baixo e para os lados, revelando o formato de uma cruz. Logo, compreende-se a metonímia CRUZ POR CATOLICISMO e a metáfora CATOLICISMO É CRUZ. O sinal é produzido em frente ao peito, local do coração, chamando atenção também para ação de crer com o coração, assim como no sinal RELIGIÃO.

Outros sinais produzidos por meio de empréstimo linguístico, em que parte da palavra (letras) substitui um todo conceitual (metonímia), são os seguintes sinais: TESTEMUNHA DE JEOVÁ (figura 6), BATISTA (figura 7) e PRESBITERIANA (figura 8). No primeiro, utilizam-se as letras ‘t’ e ‘j’, no segundo, a letra ‘b’ e no terceiro, a letra ‘p’.

**Figura 6** – Sinal TESTEMUNHAS DE JEOVÁ



**Figura 7** – Sinal BATISTA



**Figura 8** – Sinal PRESBITERIANA



Nas figuras 7 e 8, os sinais são produzidos de forma composta, pois o sinal IGREJA é sinalizado antes das letras de cada segmento religioso. No sinal IGREJA, há o sinal CASA e depois o sinal CRUZ, assim, encontra-se a metonímia CASA DA CRUZ POR IGREJA ‘X’ (em que X pode ser Presbiteriana ou Batista, conforme a Configuração de Mão). A presença de elementos religiosos para a produção de sinais também é analisada nos sinais PROTESTANTISMO, UMBANDA e CANDOMBLÉ (figura 9)



**Figura 9** – Sinal PROTESTANTISMO, UMBANDA e CANDOMBLÉ

No sinal PROTESTANTISMO, ocorre alusão à Bíblia, livro inspirado divinamente e sagrado para o cristianismo. Por isso, sinaliza-se o sinal LIVRO e se tem a metonímia BÍBLIA POR PROTESTANTISMO.

Em UMBANDA, a sinalização é produzida apontando para Ojá, que é um tipo de torço ou turbante usado na cabeça nas religiões tradicionais africanas. Logo, encontra-se a metonímia OJÁ POR UMBANDA.

No sinal CANDOMBLÉ, observa-se a metonímia CONTRA EGUN POR CANDOMBLÉ. O Contra Egun é um traçado de palha, que serve de proteção contra espíritos desencarnados. Esse traçado é posto no braço, no tornozelo e/ou na barriga. Na produção do sinal em Libras, a sinalização é feita no braço e o traçado de palha é retomado pela forma da letra “r”. Há mais um sinal para Candomblé, conforme ilustra a figura 10.

**Figura 10** – Sinal CANDOMBLÉ

Nesse sinal, há alusão às danças típicas do Candomblé, próprias de diversos orixás, entidades que possuem características, representações e ocupações relacionadas às forças da natureza. Assim, tem-se a metonímia DANÇA POR CANDOMBLÉ.

Outro sinal em que uma prática religiosa substitui o nome da religião é Budismo. Para essa religião há dois sinais (figura 11). No primeiro sinal, tem-se Configuração de Mão com base em mudra, gesto simbólico associado ao Buda, gerando, assim, a metonímia MUDRA POR BUDISMO. No segundo sinal, ocorre sinalização na testa, com Movimento e Orientação para cima, apontando para o formato do cabelo anelado da estátua de Siddhartha Gautama, referência à inteligência superior de Buda. Nesse caso, observa-se a metonímia FORMATO DO CABELO ANELADO POR BUDISMO.

**Figura 11** – Sinal BUDISMO



BUDISMO

BUDISMO

Por último, encontram-se metonímias em sinais religiosos que estão atrelados ao país de origem de uma determinada religião, por exemplo, ARÁBIA POR ISLAMISMO e ISRAEL POR JUDAÍSMO. Dessa forma, para se referir à religião, sinaliza-se o sinal do país.

**Figura 12** – Sinal JUDAÍSMO e ISLAMISMO



ISRAEL/JUDAÍSMO

ARÁBIA/ISLAMISMO

Vale salientar que há outros sinais para JUDAÍSMO e ISRAEL, entretanto, optou-se por seguir os sinais disponibilizados no episódio “Religião” do programa “A vida em Libras” da TV INES.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Propôs-se, neste estudo, apontar alguns caminhos para analisar processos cognitivos na produção de sinais da Libras. Constatou-se, nos sinais metonímicos, a existência do esquema A por B, isto é, a presença de uma substituição em um mesmo domínio. Já na metáfora, o esquema proposto foi A é B, pois há uma relação entre domínios. Logo, nesses sinais, a distância entre o polo fonológico e o polo semântico é reduzida, pois o polo fonológico remete ao polo semântico por meio de metonímias e/ou de metáforas, favorecendo a compreensão da Iconicidade Cognitiva.

Nos domínios acessados para a produção de sinais religiosos, observou-se que tais sinais podem ser motivados por uma prática ou acessório de uma determinada religião, pelo empréstimo linguístico da palavra em Língua Portuguesa ou pelo país de origem de uma religião específica.

As principais metáforas analisadas foram BOM É PARA CIMA, RELIGIÃO É DE DENTRO PARA FORA, ALMA É ABSTRATO e RELIGIÃO É CORAÇÃO. Em relação às metonímias, notaram-se os seguintes processos: OBJETO POR RELIGIÃO (Protestantismo, Umbanda, Candomblé e Catolicismo); LÍDER

RELIGIOSO POR RELIGIÃO (Budismo); PAÍS POR RELIGIÃO (Islamismo e Judaísmo); LETRA INICIAL POR RELIGIÃO (Batista, Cristianismo e Presbiterianismo).

Dessa forma, em estudos linguísticos, a análise desses processos linguístico-cognitivos é um caminho possível para compreender a produção de sinais em Libras e sua relação cultural, possibilitando também o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem dessa língua.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Lúcia Leitão et al. (Org.). **Linguística cognitiva em foco: morfologia e semântica do português**. Rio de Janeiro: Publit, 2009.

A VIDA EM LIBRAS - RELIGIÃO. Disponível em <http://tvines.org.br/?p=10848>. Acessado em 19 de Maio de 2017

BRITO, Lucinda Ferreira. **Por uma gramática de Língua de Sinais** (1995), reimpr. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2010.

CHIAVEGATTO, V. C. Introdução à Linguística Cognitiva. **Matraga**, Rio de Janeiro, v.16, n. 24, jan-jun, 2009. Disponível em: <[www.pgletras.uerj.br/matraga/matraga24/arqs/matraga24a03.pdf](http://www.pgletras.uerj.br/matraga/matraga24/arqs/matraga24a03.pdf)>. Acesso em: 24 maio 2013.

EVANS, Vyvyan; GREEN, Melanie. **Cognitive linguistics: an introduction**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2006.

FERRARI, Lilian. **Introdução à linguística cognitiva**. São Paulo: Contexto, 2011.

GEERAERTS, Dirk (Ed.). **Cognitive linguistics: basic readings**. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2006.

KÖVECSES, Zóltan. **Language, mind and culture: a practical introduction**. New York: Oxford University Press, 2006.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metaphors we live by**. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

LANGACKER, Ronald W. **Cognitive grammar: a basic introduction**. New York: Oxford University Press, 2008.

NUNES, Valeria Fernandes. **Narrativas em Libras: análise de processos cognitivos**. Dissertação de Mestrado em Linguística. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

\_\_\_\_\_. **Corporificação e iconicidade cognitiva: um estudo sobre verbos em línguas de sinais**. 2018. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

WILCOX, Sherman. **Cognitive iconicity: Conceptual spaces, meaning, and gesture in signed languages**. Germany: Walter de Gruyter, 2004.

